

Bandas de música e participação política na Primeira República (Mariana, 1901-1930)

Manuela Areias Costa*

Cada vez mais o primeiro período republicano vem ganhando interesse nas produções historiográficas brasileiras. Nos dias atuais a temática da Primeira República está se consagrando de forma multidisciplinar. “Muitos são os historiadores, sobretudo, os dedicados a história política e cultural que tem retomado o período numa chave distinta daquela que o consagrou com a República ‘Velha’”.¹ Uma revisão historiográfica do período vem quebrando a idéia implantada pelo Estado Novo, de que os anos que vão de 1889 a 1930, foram marcados por desordem e por um vazio de idéias e atitudes para a construção da nação brasileira.

Contraditoriamente, as propostas revisionistas tendem a valorizar as ações políticas e culturais da época, pois houve um investimento em prol de espalhar uma cultura cívica e patriota. A História Cultural ganhou um espaço muito grande nesse período, trazendo preocupações com a questão da classe popular, do negro no pós-abolição,² dos operários, entre outros, de forma que esses debates vêm ampliando cada vez mais o campo de estudos da historiografia atual. Uma série de ações foram politizadas, introduzindo novos atores como participantes da política. Tais estudos estão articulados a toda uma transformação teórica e metodológica da historiografia tradicional, que culminou na renovação da História Política e na sua articulação com a História Cultural, privilegiando as abordagens que ressaltam as variáveis políticas e culturais. Desse modo, pesquisadores vêm analisando os sentidos políticos das festas, músicas e comportamentos populares que conseguiram legitimar-se na Primeira República, propondo uma relação entre cultura e política.³

Partindo dessas reflexões que reforçam o alargamento da participação política no primeiro período republicano, propomos estudar a relação entre práticas musicais e culturas políticas, enfatizando o diálogo político em torno de um ideal republicano, nacional e moderno. Contudo, os debates político-ideológicos na “República Musical”,⁴ tornam as práticas musicais da banda “União XV de Novembro”, da cidade de Mariana (Minas Gerais), um campo privilegiado de observação. Essas práticas trazem a luz da história o rico cotidiano dessa associação musical, formada em 1901. Com a intenção de propagar os ideais do Partido Republicano, a banda construiu diferentes identidades nas primeiras décadas da República,

através de uma cultura musical que foi utilizada como canal de expressão e comunicação política. Aqui devemos ressaltar o caráter múltiplo dessas identidades⁵, as quais foram formadas por meio de tensões entre projetos.

Tal associação composta por muitos músicos descendentes de africanos era um canal de discussão política e afirmação cívica. Neste sentido, também pretendemos destacar que a atmosfera de patriotismo da recém proclamada república, não estava só nas palavras dos eruditos republicanos. A Pátria era a palavra de ordem nas apresentações da banda na Primeira República. Seus músicos eram patriotas e cantavam a República, contribuindo para a divulgação de heróis e de símbolos nacionais. Através do seu repertório e do culto ao hino e à bandeira nacional durante as suas apresentações cívicas, reforçava-se estrategicamente uma determinada identidade para a sua inserção em debates que agitavam intelectuais e políticos durante a primeira metade do século XX. Sendo assim, acreditamos que seja possível investigar, por meio de novas abordagens, o caminho encontrado por sujeitos sociais para a criação de canais de participação política, exposição de divergências, tensões sociais e, até mesmo, a inclusão na almejada nação republicana.⁶

É justamente através das representações expressas por essa banda que pretendemos mostrar como alguns brasileiros (no caso, os músicos e diretores) atuaram politicamente, construindo caminhos próprios para a participação política e ao mesmo tempo conseguindo espaços em setores mais amplos da sociedade. A música tocada pela banda e sua repercussão demonstra também o quanto a população podia se envolver na construção de símbolos da nova República e da Nação.⁷ Além disso, esse trabalho também aborda o debate político em torno de um ideal republicano, nacional e moderno em prol da afirmação de uma identidade para o país - construída e representada por meio de diferentes representações conflitantes, que vinculavam sensibilidade, emoções, juízos e afetos, pautando condutas.

Desta forma nos situamos numa perspectiva de articulação entre a História Cultural e História Política renovada, propondo uma reflexão teórica e metodológica em torno dos músicos da banda "União XV de Novembro" e sua participação no ambiente da Primeira República. Não obstante as valiosas contribuições recentes,⁸ a questão sobre a participação política e cultural dos músicos negros e mulatos durante o primeiro período republicano necessita ser mais estudada, levando em consideração a importância desses músicos na construção de uma identidade cultural, preenchendo assim as

inúmeras lacunas sobre questões culturais e políticas no período. Além disso, também pretendemos confirmar a hipótese de que por meio das sociedades musicais entramos em contato com diferentes formas de produções simbólicas inscritas na vida social da época. Onde o diálogo com o conceito de “culturas políticas” torna-se um dos alicerces mais importantes para entendermos as práticas dessa específica banda de música.

Em meio à possibilidade de análise de “culturas políticas”, pretendemos ressaltar o conceito de representação,⁹ que abarca um conjunto de idéias, formas simbólicas e reflexões fecundas para a análise política. Alguns símbolos adotados pela banda apontam caminhos percorridos por sujeitos sociais para a criação de canais de participação política, exposições de idéias contraditórias e de inclusão social na nação republicana. A utilização do conceito de culturas políticas na história nos oferece a possibilidade de resgatar as ações políticas de novos atores, ampliar e renovar as percepções sobre direitos, participações políticas, cidadania e nação¹⁰, no meio de uma diversidade de culturas políticas, que, de alguma forma, concorriam entre si.

Preocupada em interagir com a nova idéia de nação, a banda da “Sociedade Musical União XV de Novembro”, também apelidada como “a Furiosa”, utilizou-se do valor simbólico como guia de suas práticas. Fundada por iniciativa do Dr. Gomes Freire de Andrade,¹¹ médico, professor, liderança política local e diretor do Partido Republicano na cidade, a banda foi caracterizada pelo seu caráter associativo e pela identidade política de seus integrantes. Era comum na época a banda se vincular a um partido político, podendo ser utilizada como canal de propagação de uma determinada cultura política. Até mesmo antes da Proclamação da República os grupos musicais já marcavam as cerimônias de apoio aos grupos que lutavam por esse ideal. Segundo Lenita Nogueira, no dia 14 de julho de 1888 o Clube Republicano de Campinas promoveu diversas cerimônias pelo aniversário da Revolução Francesa, quando, à meia-noite, aconteceu uma salva de vinte e um tiros com a banda executando a *Marselhesa*.¹² Já em 25 de novembro de 1889 a “Banda de Azarias”, também de Campinas, acompanhou os cocheiros da cidade que se reuniram na Praça Visconde de Indaiatuba e foram em passeata até a casa do republicano Francisco Glicério para cumprimentá-lo pelo advento da república no Brasil. Em frente à sua casa houve discursos em sua homenagem, aos quais o homenageado agradeceu, erguendo vivas à República. Em seguida, sempre ao som da *Marselhesa*, o grupo seguiu até as redações dos

jornais campineiros e, depois, para o Clube Republicano de Campinas.¹³

O recorte abaixo retirado do jornal “Rio Carmo”, ilustra o envolvimento de Gomes Freire com o Partido Republicano de Mariana. O político republicano participou do senado mineiro, se posicionando ao lado dos governos de Cezário Alvim e João Pinheiro. O objetivo claro da criação da sociedade musical era a propaganda republicana, o próprio nome da banda fazia alusão a Proclamação da República. Contudo, criada com uma postura político-partidária, a banda, fundada em 1901, tinha o objetivo claro de propagar os ideais republicanos. Como procuramos destacar, nessa época a técnica da propaganda deveria contribuir para o culto de veneração a pátria.

Passa hoje o 15º aniversário de fundação da Sociedade Musical “UNIÃO XV DE NOVEMBRO”, que tantos benefícios têm prestado a cultura artística dos marianenses. Criada em uma época de lutas políticas no Município, quando começava a firmar-se a preponderância salutar do Exmo. Sr. Deputado Gomes Freire, nos negócios públicos, é a brilhante associação irmã gêmea de “O Germinal”, pois foram fundados na mesma ocasião, com as mesmas bases e o mesmo programa (grifos nossos).¹⁴

Conforme o fragmento acima, juntamente com a sociedade musical, também nasceu o jornal “Rio Carmo”, desaparecido em 1903 e reaparecido em 1905 com o nome de “O Germinal”. Assim, a banda e o jornal numa espécie de sintonia faziam propaganda do Partido Republicano na cidade de Mariana.¹⁵ No jornal eram publicados artigos em defesa dos ideais da República e noticiadas as principais ações, inclusive os eventos onde havia presença da banda “União”. Além disso, era usado como ferramenta política do partido, influenciando os eleitores da região. Era comum o partido dispor de uma imprensa e de outras associações que lhe permitia transmitir aos poucos na opinião pública as idéias que defendia.

A banda “União” também teve o seu grupo teatral. Denominada “Troupe União XV”, o seu elenco era formado por integrantes da banda, esposas, irmãs e simpatizantes da Sociedade. “Olha a direita! Olha a direita!”, era esse o refrão gritado na época pelas ruas de Mariana, quando passava o bloco carnavalesco formado pela banda “União”, o jornal “O Germinal” e os sócios do “Clube Marianense” (Associação Esportiva Marianense Futebol Clube) - legítimos representantes da direita na cidade (termo usado quando se referia aos republicanos).

Sobre o papel dessas associações (a banda, o jornal, o grupo de teatro e o clube de futebol), é relevante destacarmos que as associações unem-se ao social para dar livre curso ao político e que os partidos as utilizam para provocar sufrágio e promover idéias. Assim, acreditamos que um programa político significa a concretização articulada de um projeto de sociedade, de forma que clubes, a imprensa, grupos de teatro, grupos musicais e outras associações, são usados como estratégia política, ajudando a lançar o partido em prol de promover seus ideais. Cabe lembrar que o partido que aspira exercer o poder necessitava de buscar o apoio da população, atraindo o voto dos eleitores, por meio das associações.

Apesar de apresentar um caráter político, não podemos negligenciar o caráter recreativo dessas associações, marcadas pelo “culto do prazer e da alegria”.¹⁶ Espalhadas pela cidade, elas se transformaram, junto com outras associações, nos principais centros recreativos da população marianense. As sedes de tais associações eram freqüentadas tanto pela população de baixa renda, quanto pela elite de Mariana. Essa composição de diversos setores sociais ajudou a produzir uma atmosfera plurisocial entre os moradores da cidade, definindo uma identidade cultural marianense.

Em relação à formação da banda, averiguamos que seus primeiros instrumentos musicais foram adquiridos da banda que pertencera ao Partido Conservador, no tempo da Monarquia e que seu primeiro professor de música e maestro foi o músico mulato Antônio Miguel de Souza. O maestro veio do 31 ° Batalhão do Exército Nacional e participou da Campanha de Canudos.¹⁷ Os mestre de banda são verdadeiros guias, atuando também como regentes, compositores, copistas e arranjadores. É notável que o músico compôs e copiou músicas de vários tipos, executando uma cultura musical variada, fruto do sincretismo popular-erudito. Desta maneira, Antônio Miguel, divulgou divulgando uma série de músicas estrangeiras mesclando com elementos brasileiros, introduzindo na banda uma variedade de gêneros musicais. Assim como o maestro, a banda era composta por muitos outros músicos negros e mulatos. A predominância de descendentes de africanos em corporações musicais já era uma prática comum desde o período colonial. Esse fato levou alguns especialistas a desenvolverem a tese do “mulatismo artístico” em Minas, afirmando que foram os mulatos os que mais colaboraram com as práticas musicais na região.¹⁸

*São da lavra do insigne compositor, entre tantas, as produções seguintes: **Polaca** (uma das mais apreciadas peças, inspiradas nas brenhas da boa terra – Bahia), **Efigênia** (valsa), **Gomes Freire***

(variação de clarineta), **Sem Nome** (dobrado sinfônico), **Caiós** (tango de Caiós), *Noites de insônia* (variação de piston), **15 de Novembro** (dobrado sinfônico), **Hino de Mariana** (magistral composição que realça a inspirada letra de autoria do poeta Alfonsus de Guimarães) (grifos nossos).¹⁹

Em geral, a banda tocava em retretas, procissões, passeatas, prestava homenagem a diretores, associados e, sobretudo, quase metade de suas apresentações era destinadas a comemorações cívicas como o aniversário da Proclamação da República, “Dia da Pátria”, “Dia da Cidade”, contagiando o público com marchas e hinos patrióticos. Naqueles primeiros anos da República, as festividades de rua transformavam-se num importante espaço para divulgar uma cultura política idealizada por membros do Partido Republicano. Assim, durante as apresentações cívicas no espaço público, a banda “União” deixava transparecer o exercício de uma pedagogia civilizatória.

É importante salientar o papel das comemorações em que a banda se apresentava. As festas geralmente agem a serviço da memória, alimentando a conservação e recordação do passado, criando representações simbólicas que podem funcionar como lições vivas de memorização. “Os especialistas, historiadores, publicistas, ideólogos, doutrinadores e educadores – constroem a memória nacional, organizando as comemorações, as festas, definindo os heróis que não merecem ser esquecidos.”²⁰ As comemorações oficiais são importantes porque ajudam a legitimar e dar coesão social à nação. E assim, procurando encarregar-se dessa tarefa, o regime republicano no dia 14 de janeiro de 1890, instituiu a comemoração oficial do XV de Novembro, dia da Proclamação da República.

No 12º aniversário da Proclamação da República e ano de criação da banda, formou-se um préstito cívico procedido por 22 meninas, dispostas em duas alas, trajadas de branco, ostentando cada uma um barrete frígio e, a tiracolo, uma fita verde-amarela, enquanto suas mãos empunhavam bandeirinhas, contendo o nome de cada Estado do Brasil e do Distrito Federal (representando os estados federalistas). Ao fundo, à igual distância das alas, uma se destacava vestida de túnica verde e manto azul sobre o braço esquerdo, cuja mão segurava a bandeira nacional. Era a República. O préstito se organizara na Praça da Independência e incorporando tal comemoração, estava a banda “União XV de Novembro”, cujos músicos, após uma vibrante execução do hino nacional, desfilaram ao som de marchas festivas e dobrados, entoando a cada passo

canções patrióticas.²¹ A expectativa de tal comemoração era de criar um clima de mobilização da população do município, alentando os sentimentos patrióticos.

O hino nacional, um dos símbolos patrióticos mais evidentes durante o período, era cantado em todas as apresentações oficiais, junto com outras canções que exaltavam o patriotismo. Assim, a bandeira e o hino eram venerados durante as cerimônias públicas. A magnitude das celebrações também estava relacionada com os valores que se queria fixar, como os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade - universalizados com a Revolução Francesa.

Portanto, durante as suas apresentações, ficava evidente o uso do valor do simbólico. Dentre os símbolos utilizados pela mesma e que faziam referências ao nacionalismo, podemos citar o uniforme, a bandeira, as músicas e o estatuto. O próprio uniforme dos músicos, confeccionado em 1922, era de cor azul marinho, botões dourados e lista lateral verde, trazendo explícitas referências nacionalistas.

A música executada pela banda também tinha a sua dimensão ideológica, contribuindo para a exaltação do regime. O musicólogo Vicente Salles observa que a banda de música sempre foi um campo fértil para as ações políticas das quais recebia estímulo, já que representava um tipo de organização com forte apelo popular.²² Enquanto a banda tocava nas comemorações, dobrados e marchas eram inventados com o objetivo de provocar seus adversários políticos. Além disso, só podia participar da banda quem estivesse do lado do partido.

A banda civilizadora, educativa do gosto, do hábito do cidadão e moderna da sede de Mariana, colocava em cena uma série de valores e sentimentos políticos importantes. Seja porque nos informavam sobre estratégias políticas de legitimação de poder ou de moralização e educação do povo, seja porque eles faziam parte de toda uma rede de sentidos e significados com base nos quais os habitantes de Mariana construíram uma identidade e se davam uma imagem de si mesmos.

Vinculadas a diferentes momentos de uma comunidade, as bandas nos proporcionam um campo particularmente fértil de investigação. Essas sociedades musicais se apresentam como lugares onde se articulam idéias e imagens, ritos e práticas que exprimem a via escolhida pelo grupo para a sua inserção na sociedade, melhor dizendo, elas constroem espaços de sociabilidade, afirmando uma determinada cultura e identidade. São conjuntos associados ao espaço público, ocupado por uma coletividade. Com elas, os eventos públicos ganham um novo e poderoso ingrediente,

sendo este capaz de mobilizar uma parcela significativa da população, despertando sentimentos coletivos, pois as bandas estão presentes nos momentos mais importantes da sociedade.

Em geral, as manifestações coletivas de caráter público são marcadas por símbolos reconhecidos pelos seus participantes. Como muitas manifestações públicas são acompanhadas por bandas, tentamos compreender ao longo desse texto, como a banda “União XV de Novembro” estava envolvida na elaboração de um conjunto de símbolos representados através de suas performances.

Os *meetings* e as demais manifestações públicas realizadas pelo Partido Republicano, com a finalidade de propagar os variados projetos republicanos, utilizavam as bandas e a música de forma geral como canal de difusão política. Certamente, mesmo que os habitantes de Mariana não fossem movidos pelo espírito político e patriótico que possuía a banda, ao se juntar ou se reunir com outros moradores da cidade, eles entravam em contato com uma série de valores representados pela sociedade musical. Comemorando no espaço público, a multidão que parecia ser tão homogênea deixava a mostra em hábitos, atitudes e projetos, uma pluralidade de valores e representações variadas, transparecendo as diferenças e tensões entre indivíduos, quebrando a imagem unívoca que se poderia ter para a cidade de Mariana e os partidários do Partido Republicano.

Em suma, esperamos ter demonstrado dentro dos limites desse artigo, que a banda “União XV de Novembro” também estava comprometida com os valores da nova ordem, demonstrando o quanto seus músicos e a população podia se envolver na construção de símbolos na nova nação republicana. Procuramos acentuar as possibilidades de músicos negros e populares exercerem cidadania, participando e afirmando uma determinada cultura política através da música e outros símbolos utilizados pela banda. Assim, compreendemos tal sociedade musical como um espaço de manifestação cultural e política.

Notas de Referência

- * Mestranda do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), orientada pela Professora Doutora Martha Abreu. Contato: manuelaareiasc@gmail.com.

- ¹ GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. “A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia.” In: *Revista Tempo*, vol. 13, número 26, jan. 2009, p. 1.
- ² Em relação a essa questão, podemos destacar o trabalho de: MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Maria Lugão. “Para além das senzalas: campeonatos, política e trabalho rural no Rio de Janeiro pós-abolição.” In: GOMES, Flávio; CUNHA, Olívia (orgs). *Quase-cidadão*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Cf. também: ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ³ Sobre esses estudos Cf. ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920.” In: CARVALHO, José Murilo de. *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Cf. também: Maria Clementina P. Cunha. *Ecos da Folia, uma história social do carnaval carioca (1890-1920)*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- ⁴ A expressão “República Musical” foi sugerida por WISNIK, José Miguel em, “Getúlio da Paixão Cearense (Villa Lobos e o Estado Novo).” In: SQUEFF, Ênio; WISNIK, José Miguel. *Música: o nacional e o popular na cultura brasileira*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.129-191. Cf. também: PEREIRA, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- ⁵ Conforme Cecília Azevedo, identidade é uma construção social e simbólica dinâmica em função de sua permeabilidade em face do contexto. (Cf. AZEVEDO, Cecília. “Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão.” In: ABREU, Martha; SOEIHET, Raquel (orgs). In: *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. 2. e.d. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, p. 43).
- ⁶ Cf. ABREU, Martha; MARZANO Andrea. “Entre palcos e música: caminhos de cidadania no início da República.” In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos (orgs). *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 126.
- ⁷ *Ibid*, p.127.
- ⁸ Cf. ABREU, Martha. “O crioulo Dudu: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor”, 1890-1920. *Topoi*, n. 20, v.11, jan-jun de 2010. p.1.
- ⁹ Recuperando Chartier, as representações podem revelar signos e performances simbólicas através da imagem e rito em um representante de uma identidade ou um poder. Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p.23.
- ¹⁰ ABREU, Martha; MARZANO, Andrea, *op cit.*, p.127.

- 11 Ardente defensor da República, se elegeu Deputado Estadual Constituinte para a primeira legislatura de 1891 a 1895. E em seguida, Senador em Minas, para as 5ª, 6ª e 7ª legislaturas (1907 a 1918). Em virtude de sua eleição para Deputado Federal, 9ª legislatura, renunciou ao restante do mandato de Senador Estadual, dedicando-se inteiramente aos desafios do de Deputado Federal (1915 a 1917). Primoroso orador, integrou o Partido Republicano Mineiro, havendo assinado na companhia de João Pinheiro da Silva e outros, em 1888, o Manifesto de Ouro Preto.
- 12 Conforme José Murilo de Carvalho, era costume por parte dos republicanos durante as apresentações cívicas, de cantarem a *Marselhesa*, de representarem a República como barrete frígio, seguindo os símbolos da Revolução Francesa (Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.).
- 13 NOGUEIRA, Lenita W. M. In: Mary Ângela Biason. (org). *Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência: Bandas de música no Brasil*. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, agost. 2008, p. 67.
- 14 Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornal, *O Germinal*. Mariana, 15 de nov. 1916, ano. s/a, n. s/n, p. s/p.
- 15 Rodrigo Patto Sá Motta, fala do uso dos jornais como ferramenta política, Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p.24.
- 16 Sobre o papel das associações, principalmente os clubes dançantes cariocas na primeira república, Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “O Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922).” In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- 17 O historiador Fernando Binder defende a idéia de que as bandas civis derivaram das bandas da corporação militares, que forneceram modelos para a formação das bandas civis no país. Muitos músicos das associações civis vieram das corporações militares levaram certos elementos militares para as bandas civis. (Cf. BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006).
- 18 O maior entusiasta dessa visão foi Francisco Curt Lange, que chegou até mesmo a afirmar que não existiram músicos brancos nas Minas Setecentistas. LANGE, Francisco Curt, “A Música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados”. In: *Anuário do Museu da*

- Inconfidência*. Ouro Preto: Ministério da Educação e Saúde / DPHAN, ano III, 1979, p. 12 e 14.
- ¹⁹ MANSUR, Elias Salim. *Súmula Histórica da Sociedade Musical União 15 de Novembro*. Mariana, s.e., 1951, p.34.
- ²⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi, “As festas que a República manda guardar”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, número 4, 1989.p.175.
- ²¹ Informações retiradas do livro de: MANSUR, Elias Salim, *Súmula Histórica da Sociedade Musical União 15 de Novembro*. Mariana, s.e., 1951, p.4.
- ²² Cf. SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe: as bandas de música no Grão-Pará*. Brasília: Edição do Autor, 1985.

